



António Simas Santos

*Um pouco mais de sol - e fora brasa,
Um pouco mais de azul - e fora além.
Para atingir faltou-me um golpe de asa...*

Mário Sá Carneiro

Estando em curso a empreitada da protecção do porto de pesca e reforço do molhe das Lajes do Pico, necessário se torna olhar para este processo, de forma crítica. Um investimento de 13 milhões de euros deverá consagrar uma solução integral para um dos portos mais abrigados da região, não deixando para trás um “pormenor” que poderá ser da maior importância.

O que está planeado e a ser executado representa, sem dúvida, um enorme incremento para a qualidade e funcionalidade do porto de uma das baías mais belas dos Açores. Enquadrada, de forma única, pela Montanha e emoldurada pelas costas da Silveira e São João.

Contudo, e como não há bela sem senão, esta intervenção deixará - se não for revista - em aberto uma fragilidade que poderá ser eliminada com custos reduzidos (quase tudo ao nível do mar ou a menos de 1m de profundidade), e que daria uma muito melhor protecção ao Porto e às respectivas estruturas móveis e às embarcações, bem como à frente marítima adjacente.

Falamos da construção de um muro ou paredão de protecção que previna a livre entrada do mar, por cima da barreira natural da marina (conhecida por Lajido) que apenas funciona em maré baixa, não impedindo a agitação das marés, meia e alta, com impactos muito negativos nas estruturas flutuantes da marina e das embarcações ali sediadas.

Protecção que poderá ser executada, segundo os técnicos, quase toda à cota zero em seco. Defesa que será também uma valiosa protecção do porto e da Vila das Lajes, em temporais de Inverno. Que implicará, apenas, um muro de pouco mais de 1 metro que poderá ser mesmo de enrocamento de pedra para evitar um impacto visual e estético muito agressivo.

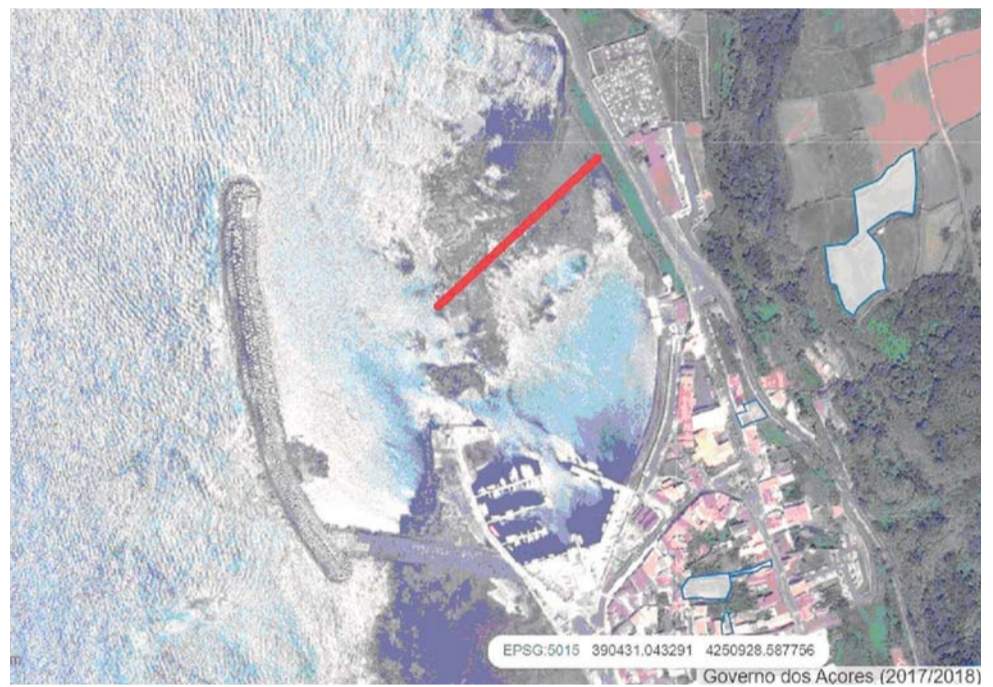
Importa assinalar, como uma curiosidade, que os nossos antepassados, cientes dessa necessidade, iniciaram a construção de um muro em pedra, provavelmente há mais de 100 anos. Havendo vestígios bem visíveis dessa iniciativa que decorreu por força da experiência dos marítimos de então.

Golpe de asa

Dada a disponibilidade de meios altamente dispendiosos, agora existentes no local, estão reunidas condições únicas para assegurar a construção de um verdadeiro contra molhe que irá assegurar a estabilidade que o porto de recreio precisa e, simultaneamente como se disse, proteger, ainda mais, a Vila.

Solução que, obviamente, implica estudo e projecto que nos parecem, contudo, ser pouco mais do que uma gota de água no conjunto de tão volumoso investimento. Assegurando que a presente intervenção não fique ferida por uma falha que determinará, “ad aeternum”, limitações inexplicáveis de uma estrutura tão importante para a própria Ilha.

Falamos, como o poeta, de um golpe de asa que poderá fazer toda a diferença.



Pe. Rodrigo Lynce de Faria

Deep Work

«Uma das chaves para o êxito no trabalho nos dias de hoje? Trabalhar sem distrações». É o que nos diz Cal Newport, num dos seus livros chamado “Deep Work”.

Todos temos, muitas vezes, a sensação de passar o dia a “apagar fogos”, em vez de nos dedicarmos a fundo a pensar, a ser criativos e a resolver de verdade os problemas que existem e que afetam o nosso trabalho.

Para isso, necessitamos de concentração, tempo, uma certa solidão e um esforço continuado e perseverante. No entanto, tudo isto parece escasso e difícil de conseguir no trabalho do dia-a-dia.

A tese de Newport é simples: paradoxalmente, a sociedade e o sistema económico actual desgastam a nossa capacidade de concentração, que é precisamente o principal recurso no qual se sustenta a nossa civilização do conhecimento.

Reuniões, telemóvel sempre a tocar/vibrar, e-mails, clientes, WhatsApp, sms “urgentes”, ambientes laborais barulhentos e cheios de atividade:

tudo isto cria fadiga e tira o incentivo para um trabalho intelectual profundo e de qualidade, que é precisamente o tipo de trabalho que marca a diferença e, além de rentável, é também muito satisfatório do ponto de vista pessoal.

Aconselha que tenhamos um protocolo concreto que nos sirva para “mudar o chip”, levando-nos do dia-a-dia superficial, frenético e trivial, para esses momentos de plena atenção, tão necessários para que exista um trabalho profundo.

O autor dá-nos verdadeiros conselhos ascéticos: menos Netflix e Twitter, mais leitura de bons livros e passeios que ajudem a “arrumar as ideias”. Dialogar a fundo com pessoas que nos podem ajudar no nosso trabalho e não deixar nunca um elemento fundamental: a reflexão pessoal.

Nada disto é novo na História da Humanidade. Só que agora parece mais difícil de levar à prática. Mas a História é mestra em recordar-nos que fazê-lo vale mesmo a pena, porque faz a diferença.